

SOMOS, FOMOS, ESTAMOS OU SEREMOS?

Clarisse Tarran¹

Resumo: SOMOS, FOMOS, ESTAMOS OU SEREMOS? é um texto da artista Clarisse Tarran que aborda a necessidade de não linearidade na construção narrativa de movimentos da história da arte e da urgência de crítica ao sistema atual nas artes visuais brasileira.

Palavras-chave: *Semana de Arte Moderna. Semana de 22. Modernismo. Arte Brasileira.*

Are we, were, are we or will we be?

Abstract: ARE WE, WERE, ARE WE OR WILL WE BE? is a text by the artist Clarisse Tarran that addresses the need for non-linearity in the narrative construction of art history movements and the urgency of criticizing the current system in Brazilian visual arts.

Keywords: *Week of Modern Art. Week of 22. Modernism. Brazilian Art.*

¹ Clarisse Tarran, 1968, Brasília - DF (BRASIL) é artista multimídia com exposições no Brasil e exterior, programadora visual, fotógrafa e artista-curadora. Cursou (incompleto) Comunicação Visual na PUC RIO (1987-1989) e frequentou diversos cursos de arte da EAV do Parque Lage – RJ. Sócia - fundadora da galeria Durex Arte Contemporânea (2007-2011). Assistente de direção da EAV, Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (1990-1994) e orientadora no Polo Experimental do Museu Arthur Bispo do Rosário - RJ (2016). Com quatro individuais, já participou de mais de 70 coletivas. Sua obra é formalizada em objetos, fotografia, desenhos, gravuras, vídeos, performances, video performances e instalações. E-mail: clarissetarran@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0436-8211>. Rio de Janeiro, BR.

Provocada a escrever acerca do centenário da Semana de Arte Moderna em um contexto contemporâneo, me abstenho de algo que adicione mais um texto de disputas sobre autoria e ousadia de A ou B, no Rio ou em SP, já sendo irritante com algumas rimas ou mesmo duvidando da relevância de fulano de Andrade ou Sicrana Amaral. Até porque, sou uma artista que não vem da Academia, o que me permitiria uma análise profunda que abarcasse uma mínima justiça histórica e/ou circunstancial.

Olhando para o cenário das artes visuais que habito, na segunda década do século XXI, ousaria dizer que o *zeitgeist* de Hegel, sobe encima do muro quando fala da linearidade ou de uma visão monocórdica, processo usual na descrição da história e dos títulos dados a eventos, lhes conferindo o caráter de absolutos, únicos, de vanguarda. E no decorrer dos séculos ainda persistem as `gavetas` em um tempo em que o borrar, extrapolar as margens, sobrepor as camadas, pensar na ordem do caos, entre outras misturas é, a meu ver, a tônica mais adequada ao real. O pensar de forma multidimensional, fractal, quântica urge, diria até, ruge, gritando aos ares do tempo, que enterrem de uma vez por todas a dualidade, o bem e o mal, o bandido e o herói, essa desgraça que nos afeta diária e diretamente, ainda como forma de controle. Falarei adiante.

A Semana de 22 ocorrida entre as duas grandes guerras mundiais, 44 anos após a abolição da escravidão, na bandeirante cidade de São Paulo, para mim é apenas um evento organizado e bem divulgado, a *posteriori* ou não (vide as polêmicas trazidas por Ruy Castro e respondidas por muitos). Um marco no que tange seus elementos construtivos, como o palco de um aristocrático *Theatro* Municipal, elegantes artistas de ternos caros, intelectuais e seus chapéus e suas fumaças pensantes reproduzindo no ar tropical, um tal *lair du temps* europeu, a quem bebiam e combatiam simultaneamente (?). Transportar uma aclamada vanguarda estrangeira para um país geralmente duas ou 3 décadas, atrás das colônias em (r)evoluções culturais, sempre requer rupturas, ainda que apenas tertúlias nas sombras ou declamação de poesia na mesa de um bar ou até mesmo chocar um escritor como Monteiro Lobato a ponto de criar uma crítica extrema e destrutiva como fez com a exposição de Pintura Moderna de 2017 de Anita Malfatti, chamada de gota d`água para a realização da Semana de 22. Lembrando que a ironia do destino os coloca dentro do mesmo movimento para a eternidade. O Modernismo se estende por pré, primeira, segunda e terceira fase, alcançando ainda nossos calcanhares 100 anos depois, em beliscos alternados que insistem em nos lembrar de quem ainda somos no cenário, ou melhor seria dizer, no rolê. Semana na qual o movimento foi mais forte na literatura, o que, no entanto, possibilita uma contaminação geral para outras áreas. Sendo uma artista que nasceu em Brasília, vive no Rio e adora São Paulo e pra lá vai com frequência,

posso afirmar que amo o jeito carioca de flunar e criar dentro do caos e amo o jeito paulista de se organizar e se comprometer. Então vejo pontas de inveja na sapiência, ainda que arrogante, nessa promoção póstuma. Embora também concorde que SP precisa se lembrar que sem a arte do restante do país, seus salões públicos e privados estariam, por assim dizer, esvaziados.

Voltando à questão da visão linear, podemos lembrar que quando um povo começa a usar uma ferramenta de pedra em uma praia qualquer na pré-história, outro sujeito do outro lado do oceano pode estar fazendo o mesmo. Me causa espécie achar que a brasilidade foi introduzida na cultura brasileira como um movimento da elite cultural da semana de 22. Jogamos Lima Barreto, Machado e Assis, Afonso Arinos, Euclides da Cunha e outros aonde? Sim, temos o Pré modernismo. A linha. Antes, durante e depois. Olhemos então para a imagem do DNA, nosso tijolo biológico primeiro. Hélices de fitas que se entrelaçam e agora enxergamos então a possibilidade dos tais eventos quânticos em sua estrutura 3D. Toda história deve ser recontada. Toda história do Ocidente precisa ser revista. A tecnologia para arqueologias avança a cada dia. Podemos ver construções embaixo de florestas e textos que foram apagados. A noção de que os maias não tinham escrita se foi, ao percebermos que a escrita desse povo originário se dava em 3D, com fios e nós. Mas o patriarcado continua a narrar suas conquistas em falas `antropofálicas` arcaicas. São tempos extremos da volta do ódio pela identidade do outro em diversas camadas. Somos tão atrasados quanto adiantados. No mesmo jornal podemos ler um massacre em família ou a descoberta de uma nanotecnologia que medica a célula. Que venham outros manifestos.

Posto isso, para embaralhar tudo que disse anteriormente, provando assim meu dodecaedro de possibilidades em meu cinto de inutilidades, toda essa variedade de vetores tem se ausentado frequentemente em alguns aspectos da idosa arte contemporânea, as noções formais da paralela arte moderna que caminhou insistente até certo momento. Tenho vivenciado como artista que atua em diversas *midia*, a quase incompreensão ou até mesmo descarte de aspectos estéticos anteriores, da composição ao conhecimento de uma técnica, uma tecnologia qualquer, posicionando no topo da fatura da obra de arte, o discurso, a fala. Bom, você poderia dizer que a arte conceitual faz isso. Faz? Fiquei vesga aqui pensando em um Canto do Cildo, dos desenhos do projeto em blocos quadriculados, passando pelas serigrafias com suas variedades geométricas até as esculturas penetráveis dos mesmos em escala humana. Camadas e camadas.

Dito isto, chego ao que realmente queria desde o começo. Cabe tanta comemoração assim neste momento da Cultura brasileira? Sem querer excluir

a devida e necessária memória, onde estamos 100 anos depois? Não deveríamos estar imersos em novas rupturas e questionamentos? Nos últimos 3 anos fui censurada mais de 3 vezes em instituições do Estado. As instruções chegavam em forma de avisos de regras da casa. Nada de política, nada de corpos nus. De pessoas que certamente tiram suas selfies cafonas ao lado de `estátuas` romanas peladinhas nos Museus quilométricos que frequentam por uma meia tarde. A vergonha de não se dar mais nada a um artista em uma exposição, uma vez que ele está fornecendo a obra, nem mesmo o velho kit básico (transporte, gráfica, montagem, assessoria de imprensa e seguro) continuam não só sendo para os consagrados, como agora não há nenhum constrangimento mais em editais e convites onde continuamos bancando a existência das instituições culturais brasileiras. Nada de pró labore, nada de tratar bem artista, nada de liberdade de expressão. Cem anos depois da tal ruptura com o tradicionalismo aqui estamos. Temos ruínas pela frente em um país onde a presidente do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ameaça tacar fogo no patrimônio sem sequer exonerada por esta fala e um ator medíocre e amante de armas desfila pela repartição com sua pistola e se senta na cadeira da rebaixada Secretaria de Cultura. Para mim fica difícil imaginar que os artistas eram tão modernos e vanguardistas em 1922 em uma linha de tempo que atualmente nos leva pro século XV ou XII. Mais uma vez me vem as fitas do DNA, girando e se entrelaçando, mas agora como a hélice de uma máquina de moer. Estamos vivendo ainda uma pandemia sendo varrida pra baixo do tapete por uma possível guerra mundial, com possibilidades de bombas nucleares além das supersônicas e tais, com narrativas ocidentais róliudianas, dentro de um governo de discurso fascista e destrutivo desgovernando o país. Artistas e agentes culturais estão passando necessidades de diversas formas. Eu prefiro olhar pro que aconteceu nesses cem anos depois do proclamado modernismo. Apesar de não haver consenso sobre o início da Arte Contemporânea, em 2017 fez cem anos do advento do urinol de Duchamps, para muitos um marco histórico. Pouco se falou.

E sim, artistas tem ainda antenas enormes, sempre alvo de mutilações convenientes aos podres poderes, ainda incomodamos com a liberdade de nossos corpos e palavras. Mas o belo ainda é o must nas paredes consumidoras, ainda escutamos a clássica dúvida: Você faz pintura ou escultura? Herdeiros e jovens ainda estão um passo adiante no sucesso. Então fica a pergunta no ar: Fora do meio, já somos Modernos?

Recebido em 20 de março de 2022 e aceito em 27 de abril de 2022.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

